

O DISCURSO DE [PRO] CRIAÇÃO SOB “OLHOS DE CACIMBA”, DE JARID ARRAES

George Lima¹
Tamira Pimenta²

Resumo: No presente artigo investigamos de que modo o discurso de [pro]criação é atualizado no conto “Olhos de cacimba”, escrito por Jarid Arraes (2019). O conto compõe o livro *Redemoinho em dia quente*, que fora finalista do Prêmio Jabuti em 2020. A escolha do conto se deu por nele observarmos a presença do discurso de [pro]criação e nele encontrarmos descontinuidades em relação ao que foi observado por Michel Foucault (2019), em *História da Sexualidade IV – As confissões da carne*. Assim sendo, estabelecemos o comentário enquanto procedimento analítico para entendermos de que modo há continuidades e descontinuidades durante a atualização do discurso no conto.

Palavras-chave: [Pro]criação; Olhos de cacimba; Discurso; Jarid Arraes; Michel Foucault.

THE DISCOURSE OF [PRO]CREATION UNDER “OLHOS DE CACIMBA” BY JARID ARRAES

Abstract: This article investigates in what ways the discourse of [pro]creation is actualized in the short story “Olhos de cacimba”, written by Jarid Arraes (2019). The short story is part of the book *Redemoinho em dia quente*, a finalist of the Prêmio Jabuti in 2020. The presence of such a discourse, as we could observe, is the basis for our selection of this specific short story. Also, we have found in it discontinuities regarding what Michel Foucault (2019) observes in his *História da Sexualidade IV – As confissões da carne*. Therefore, the commentary will be our analytical procedure to understand in which ways both continuities and discontinuities happen during the actualization of the discourse in the short story.

Keywords: [Pro]creation; Olhos de cacimba; Discourse; Jarid Arraes; Michel Foucault.

1 Doutorando em Estudos Literários (Universidade Federal de Uberlândia – UFU). E- mail: george_llima@ufu.br

2 Doutorando em Estudos Literários (Universidade Federal de Uberlândia – UFU). tamirafpimenta@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Por muito tempo as narrativas que versam sobre experiências vividas por personagens femininas eram submetidas a ordens discursivas que restringiam os modos pelos quais podiam encarnar sua sexualidade (seu corpo e seus prazeres) e seus respectivos sentidos. Essa submissão as implicou em construções que nem sempre coincidiu com as imagens de mulher que hoje se pode observar na contemporaneidade: implicadas em sua própria produção de subjetividade, estabelecendo descontinuidades em relação a velhos discursos que circulavam e ainda circulam em sociedade. Só recentemente, mais necessariamente com a apreensão do “corpo” pelas ditas “ciências humanas” e pelos estudos de linguagem e com os movimentos políticos de afirmação do corpo (mulheres, negros, entre outros) foi que as mulheres puderam reivindicar uma produção discursiva sobre o próprio corpo. O discurso de [pro]criação é um desses velhos discursos – observáveis desde os primeiros Padres da Era Cristã – que se repetem na atualidade e que muitas vezes atravessam as práticas discursivas que regem a proliferação de discursos assumidos por homens e mulheres, estabelecendo, desse modo, condições específicas para a formulação de discursos proferidos por esses sujeitos.

No presente artigo, procuramos analisar a atualização desse discurso de [pro]criação em nossa contemporaneidade a partir do conto “Olhos de cacimba”, escrito pela cearense Jarid Arraes (2019) e que compõe o livro *Redemoinho em dia quente*, finalista em 2020 do Prêmio Jabuti. Além de ser reconhecida, entre outras obras, por um prêmio tão importante como esse, a escolha do conto se deu por nele observarmos ao mesmo tempo a repetição e a descontinuidade de unidades discursivas que dizem respeito ao discurso de [pro]criação. Nesse sentido, analisaremos o conto a fim

de compreender as assimilações e as diferenças na atualização desse discurso nas experiências vividas e rememoradas pelas personagens Josélia e Fátima, uma senhora recém-operada e sua cuidadora.

Para realizarmos esta leitura, organizamos nosso artigo em três seções a fim de respeitarmos os procedimentos teórico-analíticos utilizados e entendermos os limites entre os enunciados considerados: primeiramente, apresentamos de que modo Michel Foucault compreende a noção de unidade discursiva em relação a noção de obra ao estabelecer o comentário como operação que caracteriza o funcionamento do discurso; em seguida, consideramos o funcionamento do discurso de [pro]criação analisado por Foucault (2019) em *História da Sexualidade IV – As confissões da carne*; e, por fim, realizamos a análise do conto “Olhos de cacimba” a fim de elucidar os pontos de (des)continuidade estabelecidos – procedimento de observação do comentário – para o discurso de [pro]criação. Em função dessa perspectiva, analisamos o discurso de [pro]criação sob um olhar de cacimba, caracterizado assim por se dar por vias de uma experiência profunda.

A UNIDADE DO DISCURSO

Embora os procedimentos teórico-analíticos disponibilizados por Foucault durante o desenvolvimento de sua arqueologia não sejam dispositivos desenvolvidos para análise exclusivamente literária, observa-se que em quase todos os seus trabalhos arqueológicos partem de literaturas para compreender o funcionamento de discursos em condições históricas específicas. A fim de não sermos exaustivos em nossa explanação, *A história da loucura* e *As palavras e as coisas* são dois casos da vasta produção do filósofo que trazem em seu bojo a literatura como um dos *corpus* analítico, senão protagonista de suas proposições. Ao reconhecer a presença da literatura na trajetória

arqueológica desenvolvida por Foucault, podemos entender que a literatura funciona como uma forma de unidade discursiva e, assim sendo, coloca em funcionamento discursos que são regidos por condições socio-historicamente estabelecidas.

Uma das proposições consideradas por Foucault sobre a unidade do discurso e, quiçá, uma das mais trivialmente difundidas entre os estudiosos dos tratados foucaultianos para explicar esse conceito é a de que “as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas” (FOUCAULT, 2013a, p. 28), isto é, os limites de uma obra jamais vão além do ponto final que a encerra, de sua composição interna e daquilo que comumente chamamos de começo, visto que, além de sua configuração material, a obra está submetida à remissão de outras obras, de suas outras ocorrências, compondo nós numa rede de remissões. Nessa afirmação, além de notarmos uma referência explícita de elementos que compõem a crítica literária, ainda que não restringindo suas considerações ao uso artístico da palavra, observamos que, para Foucault (2013a), tomar uma obra enquanto unidade discursiva significa não atomizar a palavra nela mesma.

Esse sistema de remissão a que a obra está submetida não pode se constituir de forma homogênea, visto que sua unidade é variável e relativa, é constituído por meio de um campo complexo discursos. Referente a isso, tirando de órbita a possibilidade de definirmos esse sistema de remissão à soma de todos os textos já escritos por um determinado autor (mesmo considerando esse conjunto de textos um tanto quanto heterogêneo), Foucault afirma que essa unidade constituída por sistemas de remissões é difícil de ser justificada, no entanto, supõe que:

[...] deve haver um nível (tão profundo quanto é preciso imaginar) no qual a obra se revela, em todos os seus fragmentos, mesmo os mais minúsculos e os menos essenciais, como a expressão do pensamento, ou da experiência,

ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda das determinações históricas; Mas vê-se logo que tal unidade, longe de ser apresentada imediatamente, é constituída por uma operação; que essa operação é interpretativa (já que decifra, no texto, a transcrição de alguma coisa que ele esconde e manifesta ao mesmo tempo); que, finalmente, a operação que determina o opus em sua unidade e, por conseguinte, a própria obra, não será a mesma no caso do autor do *Théâtre et son double* ou no caso do autor do *Tractatus*, e que, assim, não é no mesmo sentido que se falará uma “obra”. A obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea. (FOUCAULT, 2013a, p. 29, grifo do autor)

Foucault aí pressupõe uma categoria interpretativa que justifique a manifestação material da obra e ao mesmo tempo sua relação com outras unidades discursivas. Trata-se de uma operação que permite ao analista retirar a quase evidência da obra, questionando sua singularidade material e seu comentário (sua remissão), colocando em relevo seu funcionamento discursivo. Em função dessa perspectiva, podemos entender que a noção de unidade discursiva pressupõe dois aspectos importantes para entendermos de que modo ela funciona no interior das proposições filosóficas postuladas por Foucault no entorno da obra e, assim, compreendemos que a unidade discursiva é definida pelo seu exercício.

Torna-se importante ressaltarmos aqui que as noções de materialidade e de comentário possuem sentidos específicos na arqueologia do saber. Segundo Foucault (2013a), a materialidade do discurso é compreendida como superfície de inscrição em que não poderíamos falar de unidade discursiva “se não tivesse tomado corpo em uma memória ou em um espaço”. Isso significa que a unidade discursiva possui uma existência material, ter uma substância, estar submetida a um sistema linguístico para que tenha visibilidade no seu momento de enunciação. Enquanto o comentário, embora jaze também sobre o aspecto material, é o aspecto histórico que justifica seu funcionamento

discursivo, pois decifra na unidade o que está fora dela e, assim, seus contornos, visto que

[...] não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualiza dos de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou um a riqueza. (FOUCAULT, 2010, p. 21-22)

Podemos compreender as bases que caracterizam o exercício da obra enquanto unidade discursiva levando em conta o comentário de outros enunciados a partir dos aspectos materiais do enunciado em voga. Os discursos se repetem, remetem-se uns aos outros à medida que os consideramos. Convém lembrarmos aqui que nem sempre as remissões são tranquilas, muitas vezes elas são descontínuas, visto que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2010, p. 52-53). Nesse sentido, a unidade discursiva pressupõe um regime de repetibilidade a partir do qual podemos verificar de que modo há ou não continuidade em seu funcionamento.

Hoje afirmar que toda narrativa pressupõe outras narrativas é um truísmo nos estudos sobre a linguagem. O conto, sendo um gênero literário genuinamente narrativo, não foge desse denominador comum, visto que ao fazer sentido para um leitor pressupõe o reconhecimento de discursos já ditos em sociedade ou aptos a serem utilizados. Foucault (2013b, p. 214), ao distinguir as diferenças entre fábula e ficção nas obras em forma de narrativa, afirma que a ficção de uma obra “é a trama das relações estabelecidas, através do próprio discurso, entre aquele que fala e aquele do qual fala”. Isto é, as narrativas se organizam estabelecendo relações entre a ficção (a trama) e a

fábula (o que é narrado, as personagens, o espaço, entre outros).

DISCURSO DE [PRO]CRIAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DA ERA CRISTÃ

Como estamos analisando a atualização do discurso de [pro]criação no conto “Olhos de cacimba”, escrito por Jarid Arraes, cumpre entendermos de que modo esse discurso foi materializado pelos Padres da Igreja dos primeiros séculos da Era Cristã. A obra na qual Foucault tratou mais precisamente desse discurso foi o último tomo de *A História da Sexualidade*, que possui como subtítulo *As Confissões da Carne*. Nesse último tomo, Foucault (2019) analisa os modos pelos quais se problematizavam as questões que dizem respeito à sexualidade (procriação, virgindade, casamento, entre outros) considerando a conduta cristã e suas respectivas condições históricas. É na primeira parte dessa obra que o autor se dedica à formação de uma nova experiência de acordo com *Logos* cristão na e a partir da qual vemos, entre outros, o estabelecimento de uma experiência de [pro]criação.

O começo da escrita de Foucault (2019) sobre a [pro]criação é marcado pelo relato da existência de uma regra de conduta que tinha um funcionamento comum entre os sujeitos cristãos, isto é, que tinha valor de verdade por ser reconhecida/conveniente por todos – o que não significa necessariamente que era um regime praticado por todos. Essas regras eram chamadas de regime dos *aphrodisia*. Trata-se de um regime que pode ser encontrado nas práticas filosóficas dos gregos do período clássico, mas que funciona de outro modo para os primeiros padres da igreja da Era Cristã. Essa incorporação pelos primeiros padres não se deu por acaso. Justifica-se de modo que os cristãos acabaram escapando das acusações de imoralidade que eram direcionadas a

eles e incorporaram preceitos que era fortemente reconhecida pelos pagãos naquele período.

Embora Foucault (2019), em *História da Sexualidade IV – As confissões da carne*, não se detenha à explicação do que venha a ser esse regime dos *aphrodisia*, o modo como conduz suas observações em torno dos discursos analisados pela hermenêutica praticada pelos primeiros padres cristãos, mais explicitamente em torno das proposições postuladas por Clemente de Alexandria, demonstra o que ele vai compreender a partir dos filósofos gregos em *História da Sexualidade II – O uso dos prazeres*: “Os *aphrodisia* são atos, gestos, contatos que proporcionam uma forma de prazer” (FOUCAULT, 2020, p. 47). Em *História da Sexualidade IV*, Foucault (2019) vai recuperar a utilização dessa noção de regime dos *aphrodisia* para compreender as práticas cristãs e os discursos produzidos em torno dos atos que dizem respeito ao prazer.

Nos atendo ao modo como os Padres da Igreja tomaram a noção de *aphrodisia* postulada pelos gregos, Foucault (2019) observa que sua utilização ocorreu à medida que convinha para o pensamento cristão, isto é, para o *Logos* que era conveniente e se acreditava no cristianismo. Em função dessa perspectiva, nota-se na obra de Clemente de Alexandria, escrita no fim do século II, a reincidência desse discurso sobre os *aphrodisia* e seu modo de transmissão a partir de um posicionamento cristão, seus pontos de continuidade e descontinuidade. Foucault afirma que:

O capítulo X do segundo Livro de *O Pedagogo* coloca pois a análise “das distinções a propósito da procriação” sob o signo das relações complexas e fundamentais entre o Criador e criaturas. O conteúdo dos preceitos, muito “quotidianos”, que Clemente irá dar a partir daí pode bem ser idêntico, ou muito próximo de idêntico, aos ensinamentos dos filósofos pagãos, sem que por isso estejamos perante uma espécie de abandono da regulamentação das relações sexuais a uma sabedoria estóica ou platônica, aceite e autenticada por um

consenso suficientemente amplo. Clemente sem dúvida recolheu a codificação e as regras de conduta que formulava noutros lugares a filosofia que lhe era contemporânea, mas repensou-as e integrou-as no interior de uma concepção que toma o cuidado de lembrar, numas quantas frases, no início deste capítulo e que põe em jogo, na procriação, as relações do homem com o seu criador, de Deus com as suas criaturas. (FOUCAULT, 2019, p. 40, grifo do autor)

O *Logos* a que nos referimos e que Foucault (2019) reconhece nas proposições postas por Clemente trata-se de uma “razão” ou, mais precisamente, “lei de Deus” que era ensinada pelo Pedagogo (sujeito que era a própria manifestação de Deus sob aspectos humanos). Assim sendo, podemos compreender o *Logos* cristão como uma espécie de razão universal e viva em função da qual os cristãos conduzem suas práticas em conformidade, visando seus devidos fins.

Convém lembrarmos aqui as análises feitas por Foucault (2019) das proposições postuladas por Clemente mostram que essa razão, compreendida como “lei de Deus”, pode ser observada tanto na natureza, isto é, nas instâncias que nos posicionam enquanto sujeitos vivos, quanto na palavra de Deus. Em outros termos, o *Logos* cristão se manifestava ao mesmo tempo como natureza e como verdade de Deus. Essa união feita por Clemente ocorreu pelo esforço em repensar as proposições filosóficas dos filósofos gregos e incorporá-las em função de *logos* que convinha para o cristianismo, organizando a realidade cristã, determinando as instâncias que dizem respeito ao nascimento, à morte e outras experiências de vida.

É em função do casamento que Foucault (2019) nota que o regime dos *aphrodisia* adquire uma posição discursiva específica em Clemente. Nesse sentido, observaremos que essa especificidade ao tomar com finalidade a “procriação”. Essa afirmação pode ser observada entre os filósofos da época e estabelece relações de similitude com a metáfora do sementeiro, princípio a partir do qual

observaremos uma aproximação com *Logos* cristão. Nesse aspecto, é importante lembrarmos que essa razão é observada tanto na natureza quanto em Deus. Isto é, o homem planta porque tem em si uma razão que permite semear, mas também porque nesse aspecto se assemelha a Deus.

A partir dessa perspectiva, nota-se a importância de esclarecer esse posicionamento que o regime dos *aphrodisia* adquire com as práticas cristãs desse período. Considerando sua instância de acontecimento, Foucault observa que Clemente não tem a pretensão de justificar uma finalidade de acordo com uma ação realizada. Na verdade, ele observa antes o estabelecimento de uma máxima que orienta e sustenta a ação que deve ser realizada pelo homem. Desse modo, a ação de [pro]criação precisa de ser realizada pelo homem porque Deus disse “Multiplicai-vos”, e porque também, ao se multiplicar, ao procriar, o homem se aproxima de Deus, o homem torna-se sua imagem e semelhança ao [pro]criar outro homem.

No entanto, torna-se necessário levar em conta ainda que essa semelha do homem em relação a Deus não significa que tenha a essência, isto é, a natureza de Deus. De acordo com a conduta cristã, essa semelhança pode ser encontrada no homem antes de se comprometer na queda e, assim, poderia ser recuperada a partir de sua conduta em relação ao regime dos *aphrodisia* estabelecido pelo *Logos* Deus. Portanto, não é pelo corpo que o homem se assemelha a Deus, mas pela razão. Foucault reafirma isso postulando que:

Não é pois a procriação que em si mesma e como processo natural é “à semelhança” da Criação, mas é-o a procriação, na medida em que tiver sido bem levada a cabo e em que tiver “seguido” a lei. E se a lei prescreve a conformidade com a natureza, é porque a natureza obedece a Deus. (FOUCAULT, 2019, p. 39)

Sendo em função do casamento que o regime dos *aphrodisia* era referido e praticado

pelos cristãos, tendo a [pro]criação como princípio organizador e o *Logos* como verdade a ser seguida pelos sujeitos, Foucault (2019), como podemos observar, observou a inscrição de regras para as relações sexuais que podem ou não ser observadas na natureza – nas práticas sexuais dos seres vivos – mas que também se manifesta como verdade de Deus. Nesse sentido, o sujeito que tem a [pro]criação como princípio organizador de suas práticas sexuais no casamento não só está em conformidade com sua natureza humana (apta a se multiplicar e criar segundo as leis dessa criação) como também em relação à verdade divina, restringindo suas práticas sexuais à possibilidade de reprodução, ação que só era possível entre um homem e uma mulher.

O DISCURSO DE [PROC]CRIAÇÃO SOB “OLHOS DE CACIMBA”

Considerando a atualização do discurso de [pro]criação no conto “Olhos de cacimba” escrito por Jarid Arraes (2019), inicialmente observamos os elementos paratextuais que fazem parte da composição da obra: a data de publicação e sua autoria. Não remetendo a autoria do conto à presença de um indivíduo real, notamos que o nome Jarid Arraes – nome feminino e atribuído a uma mulher – exerce uma função autor à medida que estabelece uma série de operações específicas e complexas de interpretação ao ser associada a um conto publicado em 2019. Nesse sentido, pressupomos descontinuidade ao levarmos em conta as próprias condições de enunciação do discurso de [pro]criação entre os primeiros Padres da Era Cristã e conto de Jarid Arraes (2019): Foucault (2019) analisa discursos postulados por Padres que se referem à manutenção de discursos sobre o sexo, tendo como sujeito soberano o homem enquanto imagem e semelhança de Deus; em “Olhos de cacimba”, observamos a atualização de um discurso submetido a operações

estabelecidas por uma função autor feminina. A presença dessa função autor no conto reatualiza o discurso de [pro]criação, mas é na sua reincidência sob um olhar feminino e contemporâneo que notamos pontos de descontinuidade.

Quando levamos em conta a identidade de gênero associada à função autor e à materialidade escrita, os discursos estão submetidos a posição assumida pelo sujeito que assume a escrita. Em função dessa perspectiva, Ruth Silvano Brandão (2004, p. 11) afirma que

A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que é a ficção torna possível.

Notamos, desse modo, que as condições de possibilidade instauradas por uma função autor são interpeladas pela identidade de gênero ao estabelecer para o enunciado um posicionamento de acordo com o sujeito a que está associado. Considerando o conto “Olhos de cacimba” escrito por Jarid Arraes (2019), observamos unidades discursivas funcionando de modo que o discurso de [pro]criação não seja mais enunciada a partir de uma experiência apenas masculina.

“Olhos de cacimba” leva esse título por conta dos olhos profundos e misteriosos de Fátima, cuidadora e técnica de enfermagem contratada por Josélia para acompanhá-la após realizar uma cirurgia. A partir da voz narradora do conto, experienciamos a chegada de Fátima na casa de Josélia, o estreitamento dessa relação e os mistérios por trás dos olhos da cuidadora. O olhar feminino de Jarid Arraes (2019) na escrita do conto “Olhos de cacimba” carrega questões que mesclam enigma e realismo de forma potente. Com isso, ao apresentar na narrativa duas mulheres idosas com contextos sociais e de vivências distintas, o conto narra para o leitor de forma poética descobertas

que perpassam por questões de procriação, desejo, religiosidade e o domínio da razão sobre os apetites do corpo. Trata-se de comentários de discursos que já eram circulavam na sociedade cristã no início dessa nossa Era.

A temática da sexualidade, sobretudo quando escrita por mulheres, é um empreendimento que só atualmente deram a devida atenção. Nos textos canônicos escritos por homens, em sua maioria a personagem feminina é conduzida para o processo de iniciação sexual por um homem, o que confirma a legitimidade da sexualidade que a coloca como objeto. Em “Olhos de cacimba”, nota-se a ruptura desse processo ao ser narrada uma experiência de sexualidade feminina explicitando os vazios e os elos ausentes impostos pela função social e religiosa do casamento e a desqualificação do prazer.

As duas personagens centrais são mulheres idosas inseridas em um contexto social e religioso não tão distante da nossa contemporaneidade, no qual mulheres são submetidas a uma perda do domínio de si, a perda do domínio sobre o próprio corpo e em relação à manifestação da sua sexualidade. Partindo de uma reflexão crítica sobre tais questões, observamos ao longo do conto como as regras de conduta e os termos caros ao cristianismo e à “cristalização da moral” são empregues pelos pais de Josélia e Fátima no que diz respeito à sexualidade.

Ao apresentar a repressão como o caminho a ser seguido, além da desqualificação do corpo do prazer e desejo, o casamento é justificado nesse contexto pela necessidade de procriação devido à utilidade de se ter uma família e filhos em termos de estatuto pessoal. Desse modo, observa-se como os elementos apresentados na descrição de Josélia salientam vivências em que suas escolhas individuais sempre foram anuladas em detrimento dos outros: na mocidade os pais escolheram o casamento por ela, depois o marido e, por fim, os filhos.

Fátima, ao contrário de Josélia, não se submeteu aos costumes e quereres sociais de construir uma família e se casar. Ao se colocar contra as convenções religiosas e sociais ao entender que era “diferente” ao contemplar e descobrir o desejo no corpo de outra mulher, ela assume a sua autonomia independente da vontade de Deus como havia sido imposto pelos pais.

Nessa perspectiva, reconhecemos a relação estabelecida de Fátima de si consigo mesma e da forma da subjetividade que de acordo com Foucault é o

[...] exercício de si sobre si mesmo, conhecimento de si por si mesmo, constituição do si mesmo como objeto de investigação e discurso, libertação, purificação de si mesmo e salvação através das operações que levam a luz ao fundo de si mesmo, e conduzem os segredos mais profundos até a luz da manifestação redentora. É uma forma de experiência – entendida ao mesmo tempo como modo de presença a si e esquema de transformação de si – que então se elaborou. E foi ela que pouco a pouco colocou no centro do seu dispositivo o problema da “carne”. E, em vez de um regime das relações sexuais, ou dos *aphrodisia*, que se integra na regra geral de uma vida recta, passará a ter-se uma relação fundamental com a carne que atravessa a vida inteira e subjaz às regras que se lhe impõem. (FOUCAULT, 2019, p. 64, grifo do autor)

Desse modo, as experiências proporcionadas pela “carne” vão gerar um modo de conhecimento e de manifestação da verdade na vida de Fátima que serão responsáveis pelo desencadear do rumo de sua vida. A ambientação na qual a mulher é inserida na narrativa carrega elementos que caracterizam como tal manifestação e a descoberta de si a deslocaram para um lugar à margem da sociedade: “Morava na rua das Dores, era perto dali. Sem janelas para a rua, com paredes amarelas e um corredor cheio de plantas que lhe ajudavam a ser gente;” (ARRAES, 2019, p. 125). Ao ferir um código sexual que de acordo com o cristianismo é organizado em torno do casamento e da procriação e não do desejo sexual atrelado a indivíduos do mesmo sexo, Fátima causa um estilhaçamento da cultura tradicional dentro

do seu contexto de vivência. Tal conduta é vista pelos pais como algo inaceitável, pois mesmo que a filha fosse prostituta seria menos repulsivo devido a “naturalidade da mulher abrir as pernas para os homens” (ARRAES, 2019, p. 126).

A transgressão manifesta da libido, a perda do domínio sobre o próprio corpo e da manifestação da sexualidade em nome da autonomia de uma vontade individual que vai contra a vontade de Deus é em “Olhos de Cacimba” a principal ruptura com o ato de [pro]criação, pois as relações sexuais deixam de ser realizadas “por causa” de Deus e com a destinação do “nascimento do homem” e passam a ser concebidas pela afirmação do desejo.

No conto fica claro como Josélia experencia o prazer do descobrimento de si enquanto ser de desejo, no cuidado, no toque e no aconchego que a presença de Fátima oferece. Ao longo da narrativa fica acentuada a mudança na descrição das ações realizadas e como essas ganham uma nova significação e sentimento, pois em nenhum momento anterior ao vivido com Fátima é relatado o degustar de estar com o outro e o prazer das descobertas do desejo.

Estar longe dos questionamentos da moralidade empregados pela sociedade, mais necessariamente relacionados à família e à igreja, faz com que Josélia volte o olhar a si mesma. É perceptível como para a personagem a proposição de que as relações sexuais têm por objetivo a [pro]criação e deveriam ocorrer apenas dentro do espaço do casamento. Isso ocorre, pois socialmente e de acordo com o cristianismo, da mulher é cobrado o domínio da alma sobre o corpo, sendo esse um fator que caracterizava a prudência, e um modo de controle das ações que envolvem a libido.

As pulsões do corpo, sua expansão e expressão se lançam para mais longe, para os prazeres da carne que são interditados pelas normas impostas. Quando Josélia estreita sua relação com Fátima, passa a questionar como as leis da natureza

se manifestam no corpo de sua cuidadora: “Queria ir um pouco mais fundo naquelas histórias sobre o que não era da natureza, o que não era dos animais. Animais todos somos isso é lei da ciência, ou coisa de nome parecido, mas também somos muito mais.” (ARRAES, 2019, p. 126). O encontro dessas duas mulheres apresenta de forma clara como a sociedade ainda se vale do discurso religioso e da moralizante familiar para impor um controle do corpo e do desejo da mulher ao perpassar por interdições sociais e religiosas.

Considerações finais

Considerando a narração das experiências vividas pelas personagens da obra “Olhos de cacimba”, encontramos experiências de vida vivida por mulheres que nos levaram a pensar sobre o discurso de [pro]criação analisado por Foucault (2019) nos primeiros Padres da Era Cristã. Considerando suas respectivas condições históricas de enunciação, o novo se fez visto a partir do comentário, da repetição, entre estas unidades discursivas e, desse modo, permitiu que traçássemos as linhas de continuidade e descontinuidade no entorno do discurso de [pro]criação.

Inicialmente observamos que a própria posição assumida pela função autor estabelece para o leitor operações que antecipam os discursos possíveis durante a leitura do conto, visto que os discursos hoje proferidos a partir de uma posição feminina não podem ser confundidos com os enunciados atravessados outrora por um discurso cristão, geralmente colocando o homem como imagem soberana de Deus, considerado pelos primeiros Padres como detentor da verdade.

Levando em conta as unidades discursivas que compõem a narrativa do conto, podemos constatar que tanto Josélia quanto Fátima foram submetidas ao discurso de [pro]criação mantido por suas respectivas famílias. Durante a narração

das experiências impostas a Josélia, veremos a repetição *ipsis litteris* de um discurso de [pro]criação: em nome do casamento com fins de criação dos seus filhos. Isso impede que Josélia tenha o domínio de seu corpo, pois ele está destinado a cumprir aquilo que fora permitido pelo discurso assumido pelo seu pai. Esse funcionamento nos dado pelas unidades discursivas que compõem o conto repetem o que Foucault (2019) nos postulados escritos pelos primeiros Padres e podem ser facilmente observados em condutas que procuram dar manutenção às práticas sexuais realizadas em função do casamento.

Por outro lado, a narração feita das experiências vividas por Fátima arma uma arapuca para o discurso de [pro]criação ao não aceitar inteiramente as condições impostas pela sua família. Fátima, sob seus olhos de cacimba, põe-se como detentora de um cuidado de si que a permite viver sua sexualidade em função do seu próprio desejo, ferindo e colocando-se de fora de um código moral que não condiz com seu corpo nem o leva em conta.

Por tanto, ao observarmos a operação de comentário do conto “Olhos de cacimba” escrito por Jarid Arraes (2019), notamos a atualização do discurso de [pro]criação. Nesse sentido, o que queremos afirmar aqui é que o novo não está apenas no que lemos no conto, mas na retomada que faz em relação a esse discurso, que é também observado nos primeiros Padres da Era Cristã. Assim, “Olhos de cacimba” atualiza o discurso de [pro]criação ao estabelecer um outro princípio de agrupamento, impondo a coexistência com outros que extrapolam a moral cristã.

Referências

ARRAES, Jarid. Olhos de cacimba. In: **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro:

Alfaguara, 2019. p. 123-127.

BRANDÃO, Ruth Silviano. Passageiras da voz alheia. In: BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004. p. 11-14.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

FOUCAULT, Michel. Por trás da fábula. In: MOTTA, M. B. (org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b. p. 214-222. (Ditos & Escritos III).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV: As Confissões da Carne**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Antropos, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

Submissões: agosto de 2021.

Aceite: setembro de 2021.